

Citibank aposta em dois turnos

Leonardo Souza
do Rio

O banco norte-americano Citibank aposta na realização de um segundo turno na eleição presidencial, com disputa entre o presidente-candidato, Fernando Henrique Cardoso, e o concorrente da "Frente Povo Unido — Muda Brasil", Luiz Inácio Lula da Silva (PT). No boletim do último dia 6, os economistas Carlos Kawall, Adriana Dupita e Jankiel Santos dizem que com a consolidação do petista no mesmo patamar de intenções de votos (28% a 29%) e a elevação dos percentuais obtidos por Ciro Gomes, a hipótese da definição do pleito em uma segunda etapa se reforça.

Eles ressaltam, no entanto, que o presidente ainda é o franco favorito para vencer o pleito. Segundo os economistas, o cenário negativo produzido pela desaceleração da economia no final do ano passado — principalmente depois do pacote de medidas editado para combater os efeitos da crise asiática — e pela alta do desemprego deverá perder influência com a recuperação do nível da atividade econômica.

"Após a queda verificada em junho, o governo recuperou-se nas pesquisas com um forte discurso social, enquanto a oposição deixou de crescer por ter privilegiado propostas desvinculadas do tema social, como política para privatizações e tratamento do capital estrangeiro", explicam no relatório.

Para eles, PFL e PPB deverão au-

mentar sua influência na coalizão que dá sustentação ao governo no Congresso, caso Fernando Henrique Cardoso seja reeleito. Dizem que a tendência é o PFL se fortalecer na região Centro/Sul, enquanto o PSDB pode se ressentir com a perda de alguns governos estaduais e o PMDB será prejudicado pela sua divisão interna, que deixou o partido sem uma posição oficial no pleito federal.

Em sua visão, a composição da Câmara dos Deputados a ser eleita no dia 4 de outubro ainda é uma incógnita e dependerá muito mais de como vão correr as eleições regionais nos estados do que do pleito presidencial. A previsão do Citibank para a esquerda é otimista, a qual poderá manter seu crescimento no Congresso, sinalizando que as dificuldades para a implantação das reformas permanecerão.

Os economistas escolheram o tema do quadro eleitoral partindo de uma análise da evolução do apoio ao Plano Real a partir das pesquisas de opinião. Eles dizem que o plano passará pelo desafio de sua aprovação política, "o que passa não apenas pela eleição presidencial, mas também pela eleição dos governadores estaduais, dos deputados federais e de um terço do Senado".

Assim, avaliam, estas eleições se-

rão cruciais para sinalizar a continuidade do programa de reformas implementado nos últimos quatro anos e perspectivas de um ajuste fiscal duradouro, "condição fundamental para que o Real siga com resultados positivos em relação aos índices de inflação".

De acordo com o boletim, 81% da população apóiam o Plano Real. Para os economistas, isso sugere que o povo não abre mão da inflação baixa em troca da solução para os demais problemas, como o desemprego e o

fraco desempenho das políticas sociais do governo.

No entanto, dizem que a popularidade da administração de Fernando Henrique

Cardoso é afetada por outros assuntos, apesar de o real continuar sendo sua principal sustentação.

Lembram que em maio/junho do ano passado, a popularidade do governo sofreu uma queda pela influência negativa que a venda da Cia. Vale do Rio Doce, vista por muitos como empresa estratégica que não deveria ser privatizada. "O cenário econômico de elevação dos juros e desaceleração da economia após setembro de 1997 foi acompanhado de um contínua e expressiva queda de apoio ao governo. A avaliação de "ótimo/bom" declinou de um patamar de 43% para os 31% da última pesquisa".

"Após a queda verificada em junho, o governo recuperou-se nas pesquisas com um forte discurso social", diz relatório do banco